

ITINERÁRIOS LITERÁRIOS NO DOURO — APLICAÇÃO DO PROJETO ATLAS DAS PAISAGENS LITERÁRIAS DE PORTUGAL CONTINENTAL

ANA LAVRADOR*

Resumo: Neste artigo são apresentadas três propostas de itinerários literários no Alto Douro Vinhateiro. A construção dos itinerários parte do enredo dos romances: *A Noiva de Caná*, de António Cabral, *Vindima*, de Miguel Torga, e *Porto Manso*, de Alves Redol. Nas três rotas desenhadas, nos lugares de paragem propostos, são indicados excertos literários com interesse para a interpretação das paisagens e das vivências do Douro vinhateiro, importantes valias no desenvolvimento do turismo. Os excertos constam de uma base de dados georreferenciada, no âmbito do projeto LITESCAPE.PT — Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, assente na ecocrítica enquanto perspetiva de abordagem da paisagem representada nas obras literárias.

Palavras-chave: *itinerários literários; turismo; Douro; projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental.*

Abstract: This article presents three proposals for literary itineraries in Alto Douro Vinhateiro. The design of the itineraries is based on the plot of the novels: *A Noiva de Caná*, by António Cabral, *Vindima*, by Miguel Torga, e *Porto Manso*, by Alves Redol. On the three routes, in the proposed stopping places excerpts picked from the novels should be read, in order to better understand Douro landscapes and lifestyles, both with tourism potential. The excerpts are picked from a georeferenced database, within the scope of the LITESCAPE.PT project — Atlas of Literary Landscapes of Mainland Portugal, based on the ecocriticism as a perspective of approaching the landscape representation in literary works.

Keywords: *literary itineraries; tourism; Douro; Atlas of Literary Landscapes of Mainland Portugal project.*

INTRODUÇÃO

A literatura e a paisagem são importantes mais-valias na promoção e desenvolvimento de um turismo cultural sustentável para as regiões¹.

Por um lado, a literatura viabiliza relações emocionais e espaciais com a paisagem, é uma forma de promoção de conhecimentos e de divulgação do património natural, histórico e cultural das regiões, logo, representa um recurso, um «património literário» e um produto vendável².

* Doutora em Artes e Técnicas da Paisagem, Investigadora no CICS.NOVA (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais) e IELT — FCSH, UNL (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

¹ UNESCO, 2010.

² HOWARD, 2003 *apud* QUINTEIRO, HENRIQUES, 2012.

Por outro lado, a paisagem, muitas vezes apenas considerada pano de fundo atrativo da experiência turística³, é, na realidade, um sustentáculo físico e cultural para o turismo. Com efeito, a paisagem é uma manifestação da interação da natureza com a cultura, reflexo da economia e dos valores simbólicos, do indivíduo e das sociedades, num determinado tempo e espaço⁴. Nesse sentido, a paisagem pode moldar decisivamente o produto oferecido e a forma como este pode ser apresentado e usufruído pelo visitante⁵. Acresce que a paisagem é sempre o resultado de uma representação, que advém em parte do real-racional e também de uma experiência sensorial, o que a liga fortemente às representações literárias⁶.

No plano da aplicação, em associação com o conceito de paisagem e distinto de enoturismo, surgiu recentemente o conceito de «turismo de *terroir*»⁷, um conceito integrado que inclui desenvolvimento regional, produto enoturístico, viticultura, enologia e identidade. Nos territórios vinhateiros de elevado potencial económico, como o caso dos patrimónios UNESCO, como o Alto Douro Vinhateiro, com elevadas taxas de mecanização e automação, é mais acutilante a preservação dos valores de diferenciação que os caracterizam e conferem potencial de desenvolvimento no âmbito do turismo. Nesse sentido, é crucial a atividade turística seguir o paradigma de sustentabilidade, oferecendo produtos interpessoais ou experiências que respeitem as tradições, os rituais e as paisagens⁸.

Os itinerários literários permitem ir ao encontro desse tipo de desenvolvimento, através da obtenção de experiências sensoriais e culturais enriquecedoras e oferecer momentos de aprendizagem e de bem-estar, pois são leituras emotivas dos espaços visitados⁹. Esses roteiros são igualmente estímulos à imaginação¹⁰, potenciando a valorização das obras literárias e a descoberta dos autores¹¹.

No plano territorial, os itinerários literários podem ser definidos como «mapas sobre os quais se localizam e sinalizam no espaço físico os pontos exatos em que se dá a interseção entre a referência literária e a realidade»¹². A cartografia literária atende a três tipos de fontes: percursos realizados pelos escritores; lugares associados à vida/morte dos autores; e textos que referem paisagens e lugares. Nesse sentido, as representações literárias contribuem para o conhecimento do património natural, socioeconómico e cultural dos lugares e regiões¹³.

³ MITCHELL, CHARTERS, ALBRECHT, 2012; GALLOWAY *et al.*, 2008; CARMICHAEL, 2005.

⁴ COSGROVE, 1998.

⁵ MITCHELL, CHARTERS, ALBRECHT, 2012.

⁶ COLLOT, 2011.

⁷ HOLLAND, SMIT, JONES, 2014.

⁸ RUIZ PULPON, CAÑIZARES RUIZ, 2019.

⁹ LOUSADA, AMBRÓSIO, 2017 *apud* CONSTÂNCIO, ALVES, QUEIROZ, 2019.

¹⁰ WALFORD, RAYNER, 2019.

¹¹ ROBINSON, 2002.

¹² QUINTEIRO, 2019: 4.

¹³ LEWIS, 1985; CRANG, 1998.

Neste artigo, os excertos literários selecionados espelham formas particulares e individualizadas de olhar elementos territoriais representativos da identidade duriense¹⁴, um património cultural de referência mundial¹⁵. Nos excertos literários utilizados, procura-se individualizar elementos naturais e culturais, aspetos tangíveis e intangíveis, gerados e usados nas práticas vinhateiras no tempo histórico em que as obras foram escritas, verdadeiros testemunhos históricos e culturais do Douro. Na construção dos itinerários procura-se evidenciar valores contidos nas diretrizes para a gestão do Douro Vinhateiro¹⁶ e as recomendações contidas na *Carta do Património Agrário de Baeza*¹⁷, na qual se incluem:

- aspetos tangíveis — transitórios no tempo (técnicas, utensílios, tipos de transporte e comunicação, formas de armazenamento, outros); construções (quintas, parcelas, adegas, associação de culturas, outros); tipos de povoamento rural e paisagens (especificidade dos sistemas de condução, de associação de culturas, de delimitação das parcelas, outros);
- aspetos do património intangível (rituais, crenças, festas religiosas, jogos tradicionais, gastronomia regional, técnicas de artesanato, outros). Integram-se também aspetos do património natural (xisto, antrossolos, elementos e fatores climáticos, matas, matos, mortórios) e do património ecológico e genético (riqueza de variedade de vides, presença de culturas mediterrâneas particulares, espécies da fauna e flora específicas), reconhecíveis nas obras literárias analisadas.

No âmbito do património intangível do Douro, as rogas — formas de deslocações temporárias de trabalhadores para as vindimas — são importantes exemplos da rudeza, da exigência e do heroísmo inerentes à construção da paisagem duriense. Por esse motivo, estas migrações detêm grande importância cultural e identitária no Douro. Inerentemente comportam um elevado potencial turístico.

Neste artigo, apresentam-se dois itinerários «roga», centrados nas obras: i) *A Noiva de Caná*, de António Cabral¹⁸, um percurso de cerca de 36 quilómetros, que representa as vivências e as vicissitudes sociais e económicas alusivas às vivências dos proprietários e empregados de uma quinta produtora de vinho do Porto, em Castedo do Douro; ii) *Vindima*, de Miguel Torga¹⁹, na qual o autor representa o percurso com cerca de 40 quilómetros, de uma roga que parte da Serra do Alvão até à Quinta da Cavadinha, em Sabrosa, onde ocorre a vindima.

¹⁴ LAVRADOR, 2011.

¹⁵ UNESCO, 2001.

¹⁶ UNESCO, 2001.

¹⁷ CASTILLO RUIZ, 2013.

¹⁸ CABRAL, 1996.

¹⁹ TORGA, 1945.

Outra importante dimensão identitária da região é o rio Douro, elemento de ligação ao mundo e central no transporte do vinho do Porto, durante séculos. O papel de via de comunicação protagonizado pelo rio Douro é hoje mantido com o turismo de cruzeiros, mas deixou de ter expressão no caso do transporte do vinho. Neste artigo, o «percurso dos rabelos» (iii) retirado da novela *Porto Manso*, de Alves Redol²⁰, é uma rota com cerca de 42 quilómetros, que evoca a rudeza do trabalho dos barqueiros do rio Douro e do transporte das pipas de vinho do Porto em barcos rabelos, até meados do século XX, desde o centro produtor no Douro até aos armazéns de Vila Nova de Gaia, centro exportador do vinho.

1. PROCESSOS METODOLÓGICOS

A construção dos itinerários assenta em narrativas extraídas das obras dos escritores durienses António Cabral e Miguel Torga, e de Alves Redol, escritor com uma forte ligação ao Douro. Utilizaram-se os enredos dos romances enquanto guias das rotas turísticas propostas, o que promove não só o conhecimento das obras literárias e dos seus autores, como informação relevante sobre as paisagens durienses e sensibilização dos visitantes e turistas para a sua preservação e qualificação.

As obras analisadas foram integralmente lidas, e seccionados excertos integrados na Base de Dados (BD) do projeto *LITESCPE.PT — Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*, coordenado pelo IELT (FCSH-UNL).

O projeto *LITESCPE.PT* enquadra-se no ecocriticismo²¹, ou eco-poética²², no qual se procura refletir sobre a problemática ambiental, a partir da interação entre a literatura, as ciências, a filosofia e as artes. Os excertos estão georreferenciados na BD do projeto *LITESCPE*, uma mais-valia de relevo para a construção dos itinerários literários. O facto do projeto *LITESCPE* integrar obras literárias do século XIX à atualidade permite, a quem visita as regiões, no caso, o Alto Douro Vinhateiro, estabelecer uma análise comparativa entre as paisagens do passado e as da atualidade, refletir sobre a evolução temporal dos territórios e as suas consequências sobre valores ambientais, patrimoniais e identitários²³. Na BD, os excertos estão georreferenciados e associados a descritores geográficos (geomorfológicos, uso do solo, elementos do património material e imaterial, atividades socioeconómicas) e ecológicos (espécies da fauna e da flora).

Os itinerários pretendem ter um modelo comum, que integra: a) espaço e tempo previstos — que devem ser flexíveis; b) objetivos — integrar uma panóplia alargada de interesses turísticos; c) exigências específicas — oferta de atividades alternativas, ao encontro de eventuais motivações individuais de públicos específicos.

²⁰ REDOL, 1946.

²¹ RUECKERT, 1978.

²² HÖLDERLIN *apud* PINEDA MUÑOZ, 2004.

²³ LOWENTHAL, PRINCE, 1965; KENT, VUJAKOVIC, 2018.

No plano da ilustração, as rotas literárias são representadas em mapas elaborados com o apoio do Google Maps, e acompanhadas de fotografias.

Nos itinerários, é proposta a leitura de excertos associados aos pontos de paragem selecionados das obras literárias. São promovidas atividades, adaptáveis a diferentes tipos de público, nomeadamente: o reconhecimento de lugares emblemáticos do património duriense; a leitura crítica da paisagem, incluindo a identificação de elementos territoriais, e a discussão da importância da sua preservação e qualificação.

2. ITINERÁRIOS LITERÁRIOS

i) O itinerário «Roga» foi construído a partir da obra *A Noiva de Caná*, de António Cabral, que representa vicissitudes sociais e económicas alusivas às vivências dos proprietários e empregados de uma quinta produtora de vinho do Porto. O percurso assenta em descrições do romance que representam a roga que parte de Jales, lugar de origem dos protagonistas da novela (Cristina — Cidadelha de Jales e Francisco — Cerdeira de Jales), jovens vindimadores e futuros caseiros da Quinta das Combareiras, em Castedo (Alijó), lugar central da novela, um percurso com cerca de 36 quilómetros (Fig.1 e Tabela 1).



Fig. 1. «Rota da Roga», CABRAL, 1996
 Fonte: disponível em <<https://maps.google.pt>>. [Consult. 7 out. 2020]

Tabela 1. Itinerário «Roga», CABRAL, 1996 — lugares de visita e excertos associados

ITINERÁRIO «ROGA»
1. JALES — visita guiada às minas de Jales e às aldeias mencionadas no romance, nomeadamente as aldeias natal de Cristina (Cidadelha), «os cherrubiais» (chirivia — <i>Pastinaca sativa</i> , forrageira) «de Cidadelhe não dão quase para nada» (p. 35), e de Francisco (Cerdeira), e aldeia de Vreia de Jales.
2. FIO LHOSO — lugar de contratação de vindimadores. Perceber impactos da emigração na aldeia, por exemplo, na tipologia das casas e na sua ocupação anual.
3. LEVANDEIRA — leitura de excertos: lugar de encontro dos vindimadores de diferentes aldeias. «A roga tinha umas vinte pessoas e juntou-se toda na Levandeira, a seguir ao Fiolhoso. Setembro ia no fim e o sol picava menos, atarefado que andava a malhar umas nuvenzitas que lhe apareciam no caminho e donde ele, pelo visto, assim dizia uma velhota, tirava os grãos de milho que à noite espalhava pela abóbada: eram as estrelas» (p. 29).
4. MURÇA — merenda na escola básica e secundária e leitura de excertos relativos à personagem Cristina (a Noiva de Caná) que, conforme o romance, teria estudado nessa escola. «Lembrou-se das queijadas de Murça que tão bem sabiam, quando havia desta na escola. Lembrou-se das casinhas da sua terra, algumas bem pobrezinhas, mas lindas, lindas: era ali que tinha brincado, era ali que via pousar o sol e levantarem voo as andorinhas» (p. 36).
5. ALTO DO PÓPULO/PÓPULO — «pontos estratégicos, Ponte de Ribeira ou Alto do Pópulo» (p. 271). Ficha de observação da paisagem.
6. RIBALONGA — lugar de contratação de vindimadores: «a poda das videiras e a apanha da azeitona. Para a primeira trazia cinco montanheiros da Ribalonga o que pôde arranjar e era pouco, com tanto vinhedo pela frente, nesta quinta que, se fosse minha, ainda havia de ter mais, surribava os olivais (p. 29). Antes da Chã, terra de muitos castanheiros e grandes nabais» (p. 30).
7. CHÃ — almoço piquenique, idealmente com alguns produtos da região e registados no romance. «Estava combinado irem numa camioneta do Loja Nova, de Alijó, mas, à última hora, soube-se que aquele ferro velho tinha avariado e o remédio era seguirem, como dantes, a butes, estrada abaixo, uma pausa na Chã para a trincadeira» (p. 29); «vinha trabalhar, sim, mas se lhe desse boas lecas, as mulheres quase tanto como os homens e vinho e carne à lagúrdia, que se pudesse ver, nada de milhos com uma sardinha e arroz de feijão com toucinho, mesmo frango de aviário a escangalhar- se nas unhas, à primeira trincadela» (p. 41); «Beber vinho por uma malga de barro grosseiro. Assar um courato no lume» (p. 166); «doce da Teixeira» (p. 210); «— Ora, fazeis uma salada de bacalhau» (p. 210); «Não há melhor aperitivo para uma travessa de peixes, pequeninos como fósforos, e para uma caçarola de coelho do monte, sabor de estevas e queiroga, do que um cálice de vinho velho saboreado numa quinta do Douro, enquanto a paisagem entra sinfonicamente no olhar desabitado» (p. 9); «malguinha de tripas» (p. 246).
8. PRESANDÃES — curiosidades da vivência de uma roga: «Os homens dos ferrinhos eram de Castedo e quem tocava o bombo era um fedelho, filho de um deles, rapaz de uma figa, zupa-me nessa coisa a valer, assim, mais, ora aí está, bum, bum, mestre Zé Pereira, palavra insofrido, subitamente iluminado, o Chico [Francisco], de alcunha o bispo, que ia deitando o rabo do olho para a loira [Cristina], cintura fina como uma cabaça cheinha de vinho a espumar. Cantar não era com ele, mas havia ali quem o fizesse como mandam as ventarolas: o Tino, o Tino Raboto de Cidadelhe, irmão da loira, que não saía de ao pé dela por mor dos beliscões. Quando passaram em deslado da Ribalonga, o Chico deu conta que um mariola e uma gaurina do bando se atrasaram e meteram entre umas giestas» (p. 30).
9. ALIJÓ — visita à vila e lugares referidos no romance (café Pisca-Pisca, pousada do Barão de Forrester): «no convívio com os amigos — almoçadas em Alijó, na Pousada Barão Forrester»
10. CASTEDO — visita à aldeia e ao lugar das Combareiras, no qual se pode efetuar leitura de excertos, observação e leitura comparativa da paisagem; realização de torneio de jogos populares.

ii) O itinerário «Roga», construído a partir da obra a Vindima, de Miguel Torga (1945), retrata o percurso de uma roga (cerca de 40 quilómetros de extensão), que parte da Serra do Alvão até à Quinta da Cavadinha, em Sabrosa, onde ocorre a vindima (Fig. 2 e Tabela 2).



Fig. 2. «Rota da Roga», TORGA, 1945
 Fonte: disponível em <<https://maps.google.pt>>. [Consult. 6 nov. 2018]

Tabela 2. Itinerário «Roga», TORGA, 1945 — lugares de visita e excertos associados

ITINERÁRIO «ROGA»

IV. SANTA MARTA DE PENAGUIÃO — mapas e informações sobre a paisagem da Região Demarcada do Douro. «Eram quarenta pessoas ao todo, entre homens, mulheres e crianças [...], colhido o centeio, nos plainos altos do granito pouco ou nada há a fazer durante uma temporada, e a palavra vindima soa como uma senha de recurso e de libertação. [...] Vai-se à festa pagá da colheita dos cachos com a seiva da mocidade a florir ou com a secura da velhice a reverdecer» (p. 7).

2. PANÓIAS — visita guiada à estação arqueológica. «Amanheceu em Panóias, o pergaminho mais autêntico e antigo que a Montanha tem das suas relações com o transcendente [...], pisavam sem qualquer emoção os sagrados altares que antepassados seus, num gesto de pânico preventivo, tinham erguido aos deuses Lapitas. Naquelas pias cavadas na fraga, de tamanho variado consoante a aflição e as posses, imolavam as vítimas e as ilusões terrenas (p. 10).

3. SÃO MARTINHO DE ANTA — visita ao Espaço Miguel Torga, prova de vinhos, atuação de grupo folclórico. «Em S. Martinho, primeira terra do Douro, e por isso com um patrono vinhateiro, beberam. No eiró da terra formaram roda, o harmónio, o bombo e os ferrinhos acertaram a voz, e, enquanto o copo passava de mão em mão, a cana-verde ia saltando» (p. 11).

4. PAÇOS — exercício de leitura da paisagem. «Numa curva da estrada, o Douro apareceu. O rio Pinhão, depois de atravessar as duas pontes, a da estrada de macadame e a do caminho-de-ferro, entrava-lhe no flanco ainda a espumar, e a luz do sol a pino reverberava, crua, no caudal majestoso. Os olhos secos da Montanha, fundos como as fontes de chafurdo, arregalavam-se de espanto diante da levada de ouro» (p. 12).

(continua na página seguinte)

ITINERÁRIO «ROGA»

5. QUINTA DA CAVADINHA (SABROSA) — visita às vinhas e adega (refeição típica), participação em vindima. «E os peregrinos acorriam de longe, chamados pelo aceno das vides [...]. Encosta espriada de cepas a olhar o rio ao fundo e o céu no alto, a Cavadinha, com o nome em letras garrafais no arco de ferro que encima o largo portão da entrada, é o mimo das quintas. Uma alta ramada dá sombra ao caminho varrido que liga a estrada à residência, sólida construção sobranceira às várias dependências que a rodeiam: os lagares, os armazéns e a cozinha do pessoal. Casas caiadas de branco, telhado e tudo, como as de Penaguão quando neva» (p. 14).

MIRADOURO DE SÃO LEONARDO DA GALAFURA — *workshop* de escrita criativa, de pintura ou de fotografia.

«À proa de um navio de penedos,
A navegar num doce mar de mosto,
Capitão no seu posto
De comando,
S. Leonardo vai sulcando
As ondas
Da eternidade».

iii) O itinerário a rota dos «Rabelos» inspira-se na obra de referência Porto Manso, de Alves Redol, 1946. A novela recorda o rio Douro anterior à construção das barragens, um rio tormentoso, de muito difícil navegação e principal meio de transporte da região. Evoca ainda a rudeza do trabalho dos barqueiros no transporte das pipas de vinho do Porto, em barcos rabelos, entre o Cachão da Valeira²⁴ e as caves de Vila Nova de Gaia (Porto), e a tensão social havida na substituição do transporte fluvial pelo terrestre (Fig. 3 e Tabela 3).



Fig. 3. A rota dos «Rabelos», REDOL, 1946 Disponível em <<https://maps.google.pt>>. [Consult. 4 abr. 2019]

²⁴ Afloramento rochoso na fronteira oriental da sub-região Cima Corgo com a sub-região Douro Superior, a montante. Foi destruído no reinado de D. Maria II.

Tabela 3. Itinerário «Rabelos», REDOL, 1946 — lugares de visita e excertos associados

ITINERÁRIO «RABELOS»

1. PESO DA RÉGUA — informações sobre a construção da paisagem da Região Demarcada do Douro. «Estava criado o pó de terra, quase perdido no meio do cascalho que espirrava pelas encostas, já vencidas. Mas como nos pequenos vales mais submissos e nos refegos das montanhas, as chuvas torrenciais despenhavam-se em cataratas e arrastavam as pedras esmigalhadas, os calhaus e o pó de pedra. Cansado da tarefa do saibramento, ele voltava os olhos para o céu e suplicava. A natureza, porém, ficava indiferente a rogos passivos. Contra o granito só homens de granito [...]. As montanhas enrugadas pelo caminho caprichoso dos calços, como se cada uma fosse um trono coberto de escadarias monumentais, ficaram para deslumbrar os olhos estranhos» (p. 163).

2. SAMODÃES — leitura e interpretação da paisagem e participação em prova de vinhos. «As aldeias não escolheram sítio para nascer, e empoleiraram-se nas cristas das serranias, acompanhadas de soutos e pinheirais, ou sem sombra que lhes valha; suspendem-se de ravinas sobre o rio, como se viessem suicidar-se, lutando com penhascos agressivos e possantes; despenham-se pelas vertentes dos montes, a modos com pressa de chegarem a um destino que não se realizou; espriaram-se por veigas verdes e risonhas, onde veios de água vêm sussurrar queixas da serra e as árvores ganham alturas gigantes, esbracejando à vontade; babujam o rio como se precisassem das águas para viver ou do seu espelho para se mirarem» (p. 25).

3. RESENDE/PARQUE FLUVIAL PORTO DE REI — passeio de barco e descanso na praia fluvial, parque de merendas e ancoradouro de desportos náuticos. «O rio sinuoso, por entre montes, bramia nos refegos das águas desencontradas. As fragas mostravam-se indomáveis; eles dobravam-nas com os pés e venciam-nas a poder de suor. O cansaço oprimia-lhes o peito e o sol viera deitar-se sobre as suas costas. A pele ardia-lhes, parecendo que o calor a penetrava em camadas e estava prestes a estorricá-los. A boca pastosa recusava-lhes os gritos de ajuda. E eles uivavam pelas margens sinuosas, porque só falando tinham forças para continuar. Ala, força! Ala, ala!» (p. 346).

4. CALDAS DE AREGOS — visita às termas. «A electrificação que o rio teima em oferecer, e o homem em ignorar, ganhará o Douro, e tudo se moverá num ritmo novo, mais trepidante e construtivo, numa cavalgada de cilindros de milhentas máquinas que darão pão e calor, luz e trabalho, confiança e vida. E as aldeias rirão de novo, e para sempre. Outras quilhas cruzarão as carreiras do rio, mais redes se afundarão nas suas águas, e outros homens, de coração aberto, rosto iluminado e esperanças nas mãos, darão o braço ao Douro e irão com ele na mais radiosa jornada que os romances de aventuras nunca puderam contar. Rio Douro, rio Douro. Rio de tanto penedo» (p. 330).

5. PAÇO — a importância da paisagem na construção dos barcos rabelos (Baixo Corgo). «Construíam barcos toscos para o navegarem e o seu feito estranho não obedeceu a delírios poéticos. Foi a necessidade que tudo lhes ensinou, mesmo a cauda longa da espadela, semelhante a uma ave que tivesse pousado no poleiro das apegadas» (p. 69).

6. PORTO ANTIGO/PORTO MANSO — alusão ao papel social dos arrais, à importância dos barcos rabelos para a distinção social e subsistência de muitas famílias. «— Já te esqueceste que somos da família dos arrais mais antigos de Porto Manso? E dos que sempre tiveram os maiores barcos daqui? [...] — O nosso pai chamou-me antes de morrer e disse-me que nunca largasse o rio. O comboio havia de ter mau fim e então todos se voltariam para o rabelo. É preciso esperar. Custa, talvez, mas não posso fazer outra coisa. O nosso pai nunca se enganou» (p. 20).

7. MOSTEIRÔ (estação de caminhos de ferro) — as mudanças tecnológicas, na paisagem e na sociedade. Leitura de excertos. «O silvo das locomotivas rasgou o silêncio dos campos e das serranias, levando outro mundo consigo. Houve gente que fugiu espavorida clamando protecção ao céu, para que aquele monstro de ferro não voltasse mais. Na fomalha que expedia fálhas e deixava incêndios, aqui e ali, nos pinheirais e soutos, eles sentiam que se gerava uma maldição para a sua vida simples e quieta. Aquele era o cavalo que trazia o Diabo no corpo. Cruzes, Mafarrico!» (p. 295).

CONCLUSÃO

Os itinerários literários apresentados neste artigo só podem ter sucesso se houver condições territoriais e sociopolíticas que viabilizem a sua implementação, nomeadamente: a) preservação dos valores, diversidade e unicidade da paisagem; b) coerência e contiguidade territorial; c) redes de cooperação entre atores sociais, empresas, universidades e organismos oficiais.

As obras literárias analisadas e estudos académicos da autora²⁵ indicam que existem ameaças associadas à mecanização e às novas dinâmicas do mercado, estando em risco elementos emblemáticos da região, em particular os terraços que, substituídos por patamares e vinha ao alto, retiraram singularidade à paisagem. Por outro lado, as entidades políticas, os atores sociais e os agentes económicos têm recorrentemente alertado para falta de mão de obra rural, como ameaça séria à preservação da paisagem duriense.

Propostas inovadoras para o turismo, como as que agora se apresentam, podem ajudar a implementar dinâmicas de atração e criar riqueza na região. Nesse sentido, importa fazer convergir interesses, agregando instituições públicas e empresas privadas, em prol de atuações ajustadas ao desenvolvimento de uma região reconhecida no mundo pela sua paisagem admirável e pelo potencial vitivinícola de excelência, como é o caso do Douro.

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, António (1996). *A Noiva de Caná*. Lisboa: Ed. Notícias.
- CARMICHAEL, Barbara (2005). *Understanding the wine tourism experience for winery visitors in the Niagara region*, Ontario, Canada. «Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment». 7:2, 185-204.
- CASTILLO RUIZ, José (2013). *Carta de Baeza sobre el Patrimonio Agrario*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía. [Consult. 21 jan. 2019]. Disponível em <<https://www.unia.es/explorar-catalogo/item/carta-de-baeza>>.
- COLLOT, Michel (2011). *La Pensée-paysage*. [S.l.]: Actes Sud.
- CONSTÂNCIO, Natália; ALVES, Daniel; QUEIROZ, Ana Isabel (2019). *LITESCAPE.PT — Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental como uma ferramenta para o turismo literário*. «Cultur — Revista de Cultura e Turismo». 13:2, 14-39.
- COSGROVE, Denis (1998). *Cultural Landscapes*. In UNWIN, Tim, ed. *A European Geography*. Harlow: Addison Wesley Longman, pp. 65-81.
- CRANG, Mike (1998). *Cultural Geography*. Londres: Routledge.
- GALLOWAY, Graeme et al. (2008). *Sensation seeking and the prediction of attitudes and behaviours of wine tourists*. «Tourism Management» 29:5, 950-966.
- HOLLAND, Tara; SMIT, Barry; JONES, Gregory V. (2014). *Toward a conceptual framework of terroir tourism: A case study of the Prince Edward County, Ontario Wine Region*. «Tourism Planning & Development». 11:3, 275-291.

²⁵ LAVRADOR, 2011, 2014, 2019; LAVRADOR, BARBOSA, 2019.

- KENT, Alexander; VUJAKOVIC, Peter (2018). *Maps and identity*. In KENT, Alexander; VUJAKOVIC, Peter, eds. *The Routledge Handbook of Mapping and Cartography*. Londres: Routledge, pp. 413-426.
- LAVRADOR, Ana (2011). *Paisagens de Baco: Identidade, Mercado e Desenvolvimento*. Lisboa: Editora Colibri.
- LAVRADOR, Ana (2014). *O Projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental — uma aplicação a itinerários turísticos no Douro*. «Revista Lit&Tour». 203-222.
- LAVRADOR, Ana (2019). *A paisagem rural e as representações literárias como ferramentas educativas e turísticas. Uma aplicação tecnológica na região demarcada do Porto/Douro*. In MACÍA ARCE, Xosé; ARMAS QUINTÁ, Francisco; RODRIGUEZ LESTEGÁS, Francisco, coords. *La Reconfiguración del Medio Rural en la Sociedad de la Información. Nuevos Desafíos en la Educación Geográfica*. Santiago de Compostela: Ed. Andavira, pp. 1103-1136.
- LAVRADOR, Ana; BARBOSA, Sílvia (2019). *Discovering the Douro Literary Landscape in A Noiva de Caná from António Cabral through Corpus Linguistics*. Trabalho apresentado em «II International Meeting Histories of Nature and Environments: Shaping Landscapes». Lisboa: Faculdade de Letras, 21 a 23 novembro 2019.
- LEWIS, P. (1985). *Beyond description*. «Annals of the Association of American Geographers». 75:4, 465-477.
- LOWENTHAL, D.; Prince, H. C. (1965). *English landscape tastes*. «Geographical Review». 55:2, 186-222.
- MITCHELL, Richard; CHARTERS, Steve; ALBRECHT, Julia Nina (2012). *Cultural systems and the wine tourism product*. «Annals of Tourism Research». 39:1, 311-335.
- PINEDA MUÑOZ, Jaime (2004). *Relatar, Narrar y Fabular los Modos del Habitar Eco-poético*. [Consult. 21 jan. 2019]. Disponível em <http://lunazul.ucaldas.edu.co/downloads/Lunazul19_4.pdf>.
- QUINTEIRO, Sílvia (2019). *Os lugares da literatura: mapas e rotas literárias*. «Cultur — Revista de Cultura e Turismo». 13:2, 4-13.
- QUINTEIRO, Sílvia; HENRIQUES, Cláudia (2012). *Olhão Cidade de Turismo Literário uma Realidade Longínqua?* «Revista Turismo e Desenvolvimento». 17/18: 1583-1596.
- REDOL, Alves (1946). *Porto Manso*. Lisboa: Ed. Inquérito.
- ROBINSON, M. (2002). *Between and beyond the pages: Literature-tourism relationships*. In ROBINSON, M.; ANDERSEN, H.-C. eds. *Literature and Tourism: Reading and Writing Tourism Texts*. Londres: Continuum, pp. 39-79.
- RUIZ PULPÓN, Ángel Raúl; CAÑIZARES RUIZ, Maria del Carmen (2019). *Potential of vineyard landscapes for sustainable tourism*. «Geosciences». 9:11, 472. DOI: 10.3390/geosciences9110472.
- RUECKERT, William (1978). *Into and Out of the Void: Two Essays. II. Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism*. «The Iowa Review». 9:1, 71-86.
- TORGA, Miguel (1945). *Vindima*. Coimbra: Coimbra Editora.
- UNESCO (2001). «UNESCO». [Consult. dez. 2021]. Disponível em <<http://www.unesco.org>>.
- UNESCO (2010). *The Power of Culture for Development*. [Consult. 21 jan. 2019]. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000189382>>.
- WALFORD, David F; RAYNER, Catherine (2019). *Literary Trails: Haworth and the Brontës*. Barnsley: Pen & Sword History.

